

# História Ambiental (feita) na América Latina

## *Environmental History (made) in Latin America*

**GUILLERMO CASTRO HERRERA**<sup>1</sup>  
Universidad de Panama

**RESUMO** Na ausência de uma demanda cultural interna por uma abordagem histórica dos problemas ambientais da América Latina, a história ambiental nessa região tem sido desenvolvida pelo uso de oportunidades criadas por instituições financeiras e econômicas internacionais que tendem a enfatizar o estrutural sobre o temporal em suas análises dos problemas. Duas fontes principais para essa abordagem histórica predominam neste contexto: primeiramente, uma tradição de denúncia e crítica da expropriação das fontes naturais da região por corporações do mundo do Atlântico Norte; outra consiste no tradicional interesse de nossas instituições acadêmicas pela geografia histórica e pela história social e cultural. É importante notar que a história ambiental na referida região tende a ser estruturada pelo sistema acadêmico norte-atlântico.

---

<sup>1</sup> Panamá, 1950. B.A. em Literatura Hispano-Americana, Universidad de Oriente, Santiago de Cuba, 1973. M.A. em Estudos Latino Americanos, Faculty of Social and Political Sciences, UNAM, México, 1979. Ph. D. em Estudos Latino Americanos, Faculty of Philosophy, UNAM, México, 1992-1993. Esse artigo não seria possível sem a gentil ajuda do Dr. Richard Warren. Título original: *Environmental History (made) in Latin America*. Tradução: Isabel Furtado Machado. Revisão técnica: Regina Horta Duarte

Este já produziu alguns resultados valiosos. Entretanto, uma articulação externa, emergindo de nossa fraqueza, e não de nossa força, pode até produzir um grande atraso na construção de visões sobre nós mesmos: a importação de problemas e alternativas construídas das visões dos outros, a fragmentação de nosso campo de estudos - no espaço e também no tempo-, e a perda do verdadeiro, útil contato entre este novo campo de conhecimento e os outros nos quais a América Latina já obteve resultados de grande valor, como na história política, econômica, social e cultural.

**Palavras-chave** cultura, Martí, estrutura social

**ABSTRACT** In the absence of a significant internal cultural demand for a historical approach to the environmental problems of the region, environmental history in Latin America has been developed by making use of the opportunities created by international economic and financial institutions which tend to emphasize the structural upon the temporal in their analysis of the problems of the region. Two main sources for that historical approach predominate in this context: one, a tradition of denounce and criticism of the plundering of the region's natural resources by corporations from the North Atlantic world; other, the traditional interest of our academic institutions in historical geography and social and cultural history. It is important to note that environmental history in the region tend to be structured the North Atlantic academic system. This has already produced some valuable results but an external articulation emerging from our weaknesses, and not from our strengths, may produce an even greater delay in the construction of visions of our own; the importation of problems and alternatives constructed from the visions of others; a fragmentation of the field of study, in space as well as in time, and the loss of true, useful contact between this new field and others in which Latin America has already achieved results of great value, such as political, social, economic and cultural history.

**Key words** culture, Martí, social structure

### 1. Fazendo História Ambiental

Nos últimos vinte anos, a América Latina tem passado por uma persistente combinação de um crescimento econômico medíocre, deterioração social e degradação ambiental, em um contexto de exacerbação do que alguns chamam “economia de pilhagem”, cujas raízes remetem, pelo menos, ao século dezesseis. Esse tipo de situação poderia ser a mais adequada para o desenvolvimento de uma história ambiental lati-

no-americana, que lidasse com as transformações produzidas no mundo natural por humanos através de trabalho socialmente organizado, e com o impacto daquelas transformações no desenvolvimento humano<sup>2</sup>. O fato é, entretanto, que não tem sido assim, e a escassez, mais que a abundância, é o problema a ser tratado aqui.

Por volta do final dos anos 70, um crescente interesse pelos problemas ambientais da região surgiram em organizações de desenvolvimento internacional assim como em algumas instituições acadêmicas da América Latina — principalmente nas ciências econômicas e sociais — onde a utilidade de uma análise desses problemas numa perspectiva histórica começou a ser discutida. Em 1978, por exemplo, o geógrafo chileno Pedro Cunnil (1978) apontou a necessidade de estabelecer-se um horizonte histórico para a análise de problemas ambientais e, em 1980, Nicollo Gligo e Jorge Morello publicaram seu breve artigo “Notas para una historia ecológica de América Latina”, como parte da antologia de dois volumes chamada *Medio Ambiente y Desarrollo en América Latina*, que sintetizou o estado do debate da questão na região, editado pelo próprio Gligo, um sociólogo, e Osvaldo Sunkel, um economista, na época membros da Comissão Econômica para América Latina (Cepal) das Nações Unidas. Em 1983, Luis Vitale publicou *Hacia una Historia del Ambiente en América Latina*, em grande medida como resposta a Sulkel e outros cientistas sociais ligados ao Cepal, a respeito do impacto ambiental do desenvolvimento na região. Em 1987, Ortiz Monasterio e outros publicaram *Tierra Profanada: Historia Ambiental de México*, uma denúncia e manifesto contra a pilhagem e destruição das fontes naturais daquele país desde a conquista Européia. E, então, esse promissor começo extinguiu-se.

Os anos noventa testemunharam uma atividade mais contínua, que começou sob o renovado interesse oficial nos problemas do meio-ambiente associados com as preparações em 1992 da World Conference on Environment and Development- Rio 92. Em 1990, o programa Ambiental das Nações Unidas e a Agência Espanhola de Cooperação Internacional publicaram, em Madri, *Desarrollo y Medio Ambiente en América Latina: Una Visión evolutiva*, numa tentativa de analisar historicamente os problemas da região a serem considerados na Rio 92, sob a coordenação do ambientalista mexicano Fernando Tudela. Naquele mesmo ano, em conexão com a teologia da libertação, Fernando Mires publicou em

---

2 Para entender isso, é importante diferenciar o estudo da história ambiental da América latina e a história ambiental latino-americana — ou seja, as tendências e problemas desse estudo, ao ser realizado (ou não) por latino-americanos. No primeiro caso, os trabalhos de Elinor Melville (1994) e Antonio Brailovsky e Dina Foguelman (1991) podem ser considerados em um mesmo nível analítico enquanto que, no segundo caso, destacam-se os trabalhos de Brailovsky e Foguelman como inseridos na tradição cultural regional e interagindo com seus pares.

Costa Rica *El Discurso de la Naturaleza : Ecología y política en América Latina*. Em 1991, Elio Brailovsky, economista, e Dina Foguelman, bióloga, ambos ativos em questões ambientais desde os anos 70, ganharam um Editorial Sudamerican Award por *Memoria Verde: Historia Ecológica de la Argentina*, reeditada muitas vezes, desde então, naquele país. Em 1994, *Naturaleza y Sociedad en la Historia de América Latina*, de Guillermo Castro, recebeu o prêmio Casa de las Américas em Habana, Cuba. Em 1996, o historiador colombiano Alberto G. Florez Malagón publicou o ensaio teórico “La historia ambiental: hacia una ubicación disciplinar”, no qual ele faz uma tentativa de definir história ambiental como uma disciplina, e avaliar suas possibilidades de desenvolvimento na academia Colombiana. Em 1995 e 1999, Cunill publicou trabalhos de relevância histórico-geográfica para a história ambiental da região. E em 1999, Bernardo García e Alba Gonzáles Jácome publicaram no México a antologia *Estudios sobre Historia y Ambiente en América*, contendo 13 ensaios sobre a história ambiental da Argentina, Bolívia, México e Paraguai — principalmente dos séculos dezesseis ao dezenove — de 16 autores, 13 deles latino-americanos, incluindo os editores.

A lista poderia ser maior e nunca exaustiva, é claro, mas o ponto principal aqui consiste na dispersão e desconexão das comunidades intelectuais envolvidas, tanto no espaço quanto no tempo. Isso não tem nada a ver com o tamanho e a diversidade da região — o que vem à mente quando se considera como são pouco relacionadas as comunidades acadêmicas brasileira e da América Espanhola, por exemplo -, mas principalmente com suas tradições culturais, assim como sua evolução política e social. Pelo lado acadêmico, história política, social, cultural e econômica são campos mais ou menos conectados com a região, da mesma forma que outras disciplinas como antropologia, arqueologia, geografia, economia e sociologia. Campos emergentes, particularmente aqueles ligados às áreas de atividades acadêmicas tradicionalmente separadas, tais como as ciências naturais e sociais, enfrentam dificuldades para conseguir seu próprio espaço nas universidades latino-americanas e instituições de pesquisa. No campo socio-político, o ambientalismo na região vem se desenvolvendo sob a pesada sombra da nação-estado, das organizações financiadas internacionalmente e das ONGs, com fraquíssimas ligações com a sociedade e com o interesse público.<sup>3</sup>

---

3 Em minha dissertação de doutorado eu trabalhei no Centro de Estudios Latino-americanos da Facultad de Filosofía na Universidad Nacional Autónoma de México — do qual resultou *Naturaleza y Sociedad en la Historia de América Latina* — entre 1992 e 1993, sem saber a respeito dos livros de Brailovsky e Foguelman e de Vitale, assim como provavelmente nenhum deles conhecia meu próprio livro. O contato com o trabalho de Gilgo e Morello foi possível pelo fato de que eles eram uma exceção, até mesmo uma curiosidade, em uma antologia multidisciplinar de ensaios sobre aspectos econômicos, políticos e ecológicos das relações entre desenvolvimento e o meio-ambiente na região. Foi muito mais fácil, por outro lado, entrar em contato com autores como Donald Worster e Richar White através de instituições como o United States Information Service's Library na Cidade do México, e permanecer em contato com o trabalho deles e de outros no mundo do

De qualquer forma, algumas características distintas podem ser identificadas na evolução da história ambiental feita na América Latina nos anos oitenta e noventa do século vinte. Na falta de uma demanda cultural interna significativa por uma abordagem histórica dos problemas ambientais da região, a história ambiental se desenvolveu lançando mão de oportunidades criadas “do lado de fora” por instituições internacionais como a ECLAC e o Banco de Desenvolvimento Interamericano (IDB), que tendem a enfatizar o estrutural sobre o temporal nas suas análises dos problemas da região, e a subordinar o tratamento de questões ambientais às necessidades da política econômica. Isso pode explicar os sucessivos momentos de efervescência ligados às conferências internacionais sobre o ambiente, onde um espaço se abre para a participação de estudiosos interessados na dimensão histórica de problemas ambientais. Isso também pode explicar a ausência geral de contribuições teóricas e metodológicas — com exceções como Castro(1994); Florez Malagón(1996); Bengos(n.d.) e Galafassi e Levin(2001) <sup>4</sup> —, sendo isso mais notável em uma região onde o debate nesses campos tem uma rica tradição, particularmente nas ciências sociais.

Dois fontes importantes para uma abordagem histórica de nossos problemas ambientais podem ser identificadas nesse contexto. A primeira vem de uma tradição de denúncia e crítica da pilhagem do trabalho e dos recursos naturais da região por corporações do mundo do Atlântico Norte. Essa tradição, com raízes profundas na literatura e jornalismo investigativo, tem um componente forte de articulação em trabalhos como o clássico *Las Venas Abiertas de América Latina*(1972) de Eduardo Galeano. É também intimamente relacionado à Teoria da Dependência, largamente conhecida nas ciências econômicas e sociais desde os anos setenta, o que facilita suas conexões externas com as correntes de pensamento do Atlântico Norte e com pesquisas atentas às questões ambientais, tais como aquelas representadas por autores como Immanuel Wallerstein, James O'Connor e Joan Martínez Alier.

A segunda fonte relaciona-se com as formas mais tradicionais de organização de nossas instituições educacionais no campo das Humanidades. Aqui — após um longo período de identificação do ambiental com o ecológico, e do ecológico como um tema das ciências naturais -, um crescente interesse no ambiente se constitui lentamente, inicialmente sustentado pela geografia histórica e pela história social e cultural.

---

Atlântico Norte através de periódicos como o *Environment & History* — que publicou apenas dois artigos sobre América Latina entre 1996 e 2000 —, e trabalhos da web como aqueles oferecidos pela ASEH, com todas as suas limitações, e por especialistas como Lise Sedrez, em seu site sobre história ambiental latino-americana.

4 Todos eles familiares com trabalhos de autores anglo-saxões, particularmente *Nature's Economy* de Donald Worster e *Transformações da Terra*.

Destaca-se a retomada, ambientalmente orientada, de autores considerados clássicos na formação de uma cultura Latino-Americana, entre os séculos dezesseis e dezenove, desde Bernadino de Sahagún a José Martí e Euclides da Cunha. Essa segunda fonte é de fato mais “especializada”, com conexões “exteriores”, através do mundo acadêmico do Atlântico Norte e organizações tais como o Instituto Panamericano de Geografia e História, da Organização dos Estados Americanos.

O que é evidente, sem dúvida alguma, é a fraqueza extraordinária das organizações institucionais para uma abordagem histórica dos problemas ambientais da região. Isto é provavelmente o mais importante fator na tendência, hoje dominante na região, de estruturar o campo da história ambiental através do sistema institucional do Atlântico Norte. Na primeira das fontes mencionadas acima, por exemplo, isso se torna evidente na influência das questões e debates característicos dos movimentos “verdes” na América do Norte e Europa Ocidental, desde críticas às represas e a demanda por legislação especial para proteger recursos naturais, até a promoção da reciclagem. Na segunda, a estruturação externa apóia-se na influência, em nossas instituições acadêmicas, das visões da nossa região construídas em uma “outra” América, incluindo as premissas, métodos e valores em uso para organizar o estudo da história ambiental a partir “desta” América<sup>5</sup>.

Em ambos os casos, essa tendência de estruturar a partir do exterior já produziu resultados de valor, como o acima mencionado *El Discurso de la naturaleza*, de Mires, *Desarrollo y Medio Ambiente: Una vision evolutiva* da UNEP e o website de Lise Sedres, de Stanford. Essa tendência também facilita o vínculo do trabalho que tem sido feito na América Latina com aqueles especialistas da Ásia e da África, que também se comunicam através do sistema acadêmico do Atlântico Norte, sendo *Environment & History* um bom exemplo disso. Isso poderia representar um recurso válido na luta contra o provincialismo característico de amplos setores de vida cultural em nossa região, e pela construção de um tipo de perspectiva global indispensável para uma compreensão adequada de problemas ambientais de nossa época.

Mesmo assim, uma articulação externa que emerge da nossa fraqueza, e não de nossas forças, põe riscos que incluem, por exemplo, um atraso ainda maior na construção da nossa própria visão; a importação indiscriminada de problemas e alternativas construídas a partir de visões de outros; uma permanente fragmentação do campo de estudo,

---

5 Parece, às vezes, que a história ambiental na América Latina é somente para leitores de língua inglesa. Traduções dos trabalhos de autores como Worster, Crosby, Grove e Hughes são difíceis de se conseguir, quando elas existem, agravando ainda mais o isolamento de especialistas interessados em história ambiental em relação aos seus próprios estudantes e colegas acadêmicos, enquanto, ao mesmo tempo, ainda é raro encontrar historiadores ambientais nos países do Atlântico Norte capazes de se comunicar em espanhol.

tanto no espaço quanto no tempo, e a perda do verdadeiro, útil contato entre este campo e outro de importância inegável, no qual a América Latina já alcançou resultados de grande importância, como a história política, social, econômica e cultural.

## 2. Algumas Peculiaridades

Em nossa cultura acadêmica, com suas raízes francesas e alemãs, as noções de sistema e estrutura receberam uma grande atenção, a ponto de estarmos acostumados a pensar todo fenômeno como expressão das relações que os estão sublinhando. Características dessa cultura são o (mais usado) conceito de “meio-ambiente” como “o âmbito biofísico natural e suas sucessivas transformações artificiais, assim como a disposição espacial destes”, proposto por Osvaldo Sunkel (1980), e a percepção de um sistema mundial dentro do qual nossas sociedades se relacionam através de níveis médios regionais que funcionam como casos de articulações centrais, periféricas e semiperiféricas. Dentro desse sistema mundial, natureza, cultura e produção interagem, através do tempo, em sociedades que dividem uma era histórica comum, criando, assim, “tempos” regionais que coexistem e dão forma a outro tempo “global”. Nesse tempo “global”, o mesmo processo que tende a homogeneizar as sociedades do mundo desenvolvido, tornou as nossas sociedades mais heterogêneas e conflituosas: até os dias de hoje na América Latina, visões não-capitalistas e práticas sociais coexistem em conflito com — e não meramente precedem — o capitalismo, permitindo a Joan Martínez-Alier falar de uma “ecologia do pobre”, atuante fora e contra a economia de mercado em muitos desses países e constituindo um fator que melhor relaciona o equilíbrio entre mercado e cultura.

Como vemos, a possibilidade de aplicar alguns conceitos teóricos, metodológicos e históricos desenvolvidos por historiadores ambientais do Atlântico Norte à definição de história ambiental como um novo campo na América Latina exige de nós, latino-americanos, recriar a outra face do sistema mundial, contribuindo para o debate dos efeitos diferenciais trazidos à tona pelos diferentes modos que nossas sociedades se relacionam com aquelas de outras regiões, através do mundo que compartilhamos. Um recurso valioso para essa tarefa é o entendimento de *raubwirtschaft* ou “economia de pilhagem” por Jean Brunhes (1910), como o “uso destrutivo” de recursos naturais e humanos da maneira mais intensa no caso de países coloniais do seu tempo, eixo em que o capitalismo se desenvolveu na América Latina no passado, definindo uma **primeira** peculiaridade para a história ambiental dessa região.

Uma **segunda** tem a ver com o tipo dominante de relação com a natureza, desenvolvido sob a hegemonia — financeira, tecnológica e mi-

litar, mas não necessariamente política — do capital estrangeiro, isto é, subordinada às necessidades, aos interesses, às demandas e aos preços gerados nas sociedades do Atlântico Norte, particularmente a Grã-Bretanha, de 1870 a 1914<sup>6</sup>, e, mais tarde, os E.U.A. A essas duas, uma **terceira** peculiaridade deve ser somada, no campo político. Diferentes daquelas da África e grande parte da Ásia, as nações-estado latino-americanas eram basicamente organizadas, na primeira metade do século dezenove, como sistemas institucionalizados de relações internas de poder. Quando o capitalismo do Atlântico Norte começou a modelar o sistema mundial, na forma que conhecemos hoje, encontrou contrapartidas politicamente organizadas na maioria dos países, principalmente na formas de oligarquias e senhores de terra famintos para associar-se ao capital estrangeiro, oferecendo grande quantidade de terras “não-desenvolvidas”, abundantes recursos e mão-de-obra barata em troca de investimento de capital, tecnologia, e acesso ao mercado mundial.<sup>7</sup>

Uma **quarta** peculiaridade pode ser encontrada no campo da cultura. A criação das condições básicas para o desenvolvimento do capitalismo nessa região — um mercado para a terra e um mercado para o trabalho — aconteceu através de expropriação violenta, em torno dos anos 1850, de setores não-capitalistas muito importantes da nossa sociedade (na sua maioria tribos de índios e comunidades camponesas) e da terra mantida, pela Igreja Católica, em formas não capitalistas de propriedade. Esses produtores não capitalistas, depois de expropriados, foram parcialmente convertidos em trabalhadores livres, e parcialmente expulsos para as piores terras, sendo as melhores usadas para o desenvolvimento da monocultura e bens exportáveis<sup>8</sup>. Isso significa que o capitalismo foi desenvolvido na América Latina, desde o seu começo, sem a presença de produtores capitalistas de pequeno e médio porte que, nas sociedades do Atlântico Norte, contribuíram muito para o desenvolvimento do ambientalismo.

Uma **quinta** peculiaridade, nos campos socioeconômico e tecnológico, resultou do seguinte: a recente re-emergência de sociedades diferenciadas e articuladas ao longo de fraturas históricas de longa dura-

6 Também Alemanha e França, em casos mais específicos, como nos estágios iniciais do desenvolvimento da monocultura do café na Guatemala, e a primeira tentativa de construir um canal transoceânico no Panamá, na década de 1880.

7 Essas oligarquias não deram de graça, simplesmente, o seu poder interno para estrangeiros. Ao contrário, usaram esse poder como uma mercadoria e uma garantia na sua associação com investidores estrangeiros: ninguém deveria, absolutamente, subestimar a capacidade dessas oligarquias, no passado e agora, de entender e defender seus próprios interesses. “Dependência”, nesse sentido, é um termo tão útil quanto perigoso para definir o tipo de relação que tomou forma entre as oligarquias latino-americanas e seus associados no Atlântico Norte, a partir desse período.

8 Se o historiador argentino Sergio Bagú está correto, esse processo continuou sem interrupção, nos últimos cem anos. Bagu, Sergio, “Población, recursos naturales y neocarcaísmo organizativo en la economía latinoamericana del siglo XX”, In: Florescano, Enrique (organizador): *Ensayos sobre el desarrollo económico del México y América Latina*. Fondo de Cultura Económica, México, 1ª reimpressão, 1987.



ção, e obscurecidas pelo tumulto do conflito entre os setores “liberal” e “conservador” das elites oligárquicas<sup>9</sup>. A subsequente coexistência dentro de nossas sociedades de duas formas diferentes, virtualmente antagônicas, de relação com a natureza, e de duas visões diferentes do papel da natureza na vida da sociedade define a **sexta** peculiaridade a ser considerada aqui: em contraste com a interação conflituosa entre as visões “arcaica” e “imperial” da natureza, dentro das sociedades do Atlântico Norte, desde o século dezoito, como descreveu Worster em *Nature's Economy*, a visão “imperial” - que reinou sozinha na América Latina desde o fim do século dezenove até os dias de hoje, veementemente e, com frequência, violentamente — excluiu, do reino da cultura, tal como entendido pela elite oligárquica, o que em outras circunstâncias poderia ter se desenvolvido como uma alternativa, legitimando visões de natureza elaboradas a partir de experiências dos setores não capitalistas — nativos, mestiços, africanos e ibéricos — de nossa sociedade.

Mesmo assim, visões alternativas e não oligárquicas da natureza foram criadas na América Latina, através do trabalho de autores como o filósofo cubano e revolucionário político José Martí (1853-1895), exilado em Nova York, desde 1881, antes de partir para lutar e morrer pela independência de seu país, em 1895. Um agudo e bem informado observador da vida e cultura nos Estados Unidos e Europa Ocidental naqueles anos, muito familiarizado com o trabalho de autores como Ralph Waldo Emerson, Henry Ward Beecher, Henry George, Walt Whitman, Henry David Thoreau e Charles Darwin, Martí era, provavelmente, a mais importante das poucas vozes críticas da visão oligárquica da natureza nos jornais latino americanos em fins do século dezenove. Ele vinculou de forma muito próxima sua própria visão de natureza, no lado político, com sua luta por determinação própria para as nações-estado da América Espanhola. No seu ensaio mais importante, *Nuestra América* (1891), “natureza” se torna um conceito político ao dizer, por exemplo, que não havia um conflito real entre civilização e barbaridade em nossos países, mas, ao invés disso, um outro entre “falsa erudição e natureza”. Largamente legitimizadas hoje como uma fonte fundamental para a nossa identidade cultural, suas idéias sobre natureza, auto-determinação, e o que o

---

9 Já em 1845, esse tributo entre os setores capitalista e não capitalista da nossa sociedade foi admiravelmente definido pelo político e escritor argentino Domingo Faustino Sarmiento em seu livro “Facundo, Civilización y Barbárie”, sem o qual é impossível entender adequadamente o que — e como — estava ocorrendo na região naquela época. Nele Sarmiento declarou: “Ser ou não ser selvagem, isso é tudo que nos importa”, significando que o destino de nossas sociedades dependia do resultado desse conflito entre civilização e barbárie que ele identificou como crucial nesse momento. É interessante notar que esse conflito se desenvolveu de uma maneira muito diferente da guerra entre euro-americanos e nativos latino-americanos, no mesmo período. Com exceções notáveis, como aquela no interior da Argentina, na qual nativos eram totalmente exterminados, na maior parte da América Latina, o conflito tendia a ser resolvido através de transações, nas quais as oligarquias optaram pela reconstrução de uma hegemonia, definida nos termos da re-elaboração do sistema de valores capitalistas, coisa que rapidamente aprenderam nas negociações com seus pares do Atlântico Norte.

atual ambientalismo chamaria de “desenvolvimento sustentável”, oferecem um solo fértil para a colaboração entre as culturas e sociedades das Américas do Norte e do Sul, sem a qual os problemas ambientais do nosso hemisfério nunca serão resolvidos. A importância de Martí para uma história ambiental latino-americana apenas começou a ser entendida.<sup>10</sup>

Essa exclusão das experiências não capitalistas do âmbito da cultura dominante teve outras conseqüências importantes. Nossas elites oligárquicas se apropriaram do papel de representante da civilização na região de forma peculiar, percebendo-se destinadas a liderar suas sociedades pelo caminho do progresso e a defender esse caminho numa luta feroz contra a natureza, definida como ambiente da selvageria. Considerando isto, é tentador dizer que uma *sétima* peculiaridade na nossa história ambiental pode ser encontrada no papel que políticos e seu instrumento mais extremo, a violência, representou e ainda representa na contínua reorganização da natureza e das sociedades. Talvez isso seja um fenômeno ainda mais amplo, cujas raízes são traçadas muito antes da conquista Européia, em eventos como a transição Mesoamericana e Andina da coexistência (antagonista ou não) de comunidades agrícolas, à emergência de impérios tributários. Em sua amplitude, este papel da política é, provavelmente, comum à história das relações de toda sociedade humana com o mundo natural.

### III. Algumas tarefas a serem compartilhadas

Considerando tudo isso, quais são as tarefas pendentes para a criação de uma história ambiental latino americana? Uma primeira deve, necessariamente, construir essa história sem isolamento, mas dentro de um diálogo simultâneo com seus interlocutores de outros lugares do mundo e das sociedades na região latino-americana. Só assim seremos capazes de criar um lugar para a história dentro de um novo tipo de consciência pública sobre nossos problemas ambientais, vinda do povo e independente da aprovação e apoio de governos e organizações financeiras internacionais, como acontece hoje. Isso é extremamente importante já que, no início do século vinte e um, a presença da ecologia e do meio ambiente na vida cultural e política da América latina reproduz, mais uma vez, a presença de uma visão dominante que proclama como natural, não histórica, a redução da natureza à condição de um conjunto de recursos a serem administrados o mais eficiente possível, sob a regra

---

<sup>10</sup> De fato, mesmo em 1975 a maior parte das idéias sobre questões ambientais foi simplesmente classificada como “artigos variados” na edição cubana de seus trabalhos completos. Martí, José: *Obras Completas*, 27 volumes, Editorial de Ciencias Sociales, La Habana, 1975.

das demandas do mercado. Sendo assim, uma **segunda** tarefa para a construção de uma história ambiental da América Latina deve ser a de estudar a história ambiental da região, como tem sido feito por um número crescente de centros, em diversos países. Fazer história ambiental é a única forma real de esclarecer como cada reorganização da natureza para propósitos humanos vem de mãos dadas com a reorganização da sociedade humana, tornando evidente que nossos atuais problemas ambientais serão prolongados no futuro, ao menos que os mecanismos de *raubwirtschaft*, operantes na região, sejam finalmente desmantelados. O (re) descobrimento do significado ambiental contemporâneo de autores como Martí, e das contribuições da “ecologia dos pobres” - no passado e no presente, em conexão com a consciência ambiental emergente e as lutas na região - são de grande importância.

Em um nível mais amplo da crise ambiental global, uma história ambiental Latino Americana pode fazer uma contribuição significativa para a caracterização das diferenças entre nossos ambientalismo e aqueles das sociedades do Atlântico Norte, facilitando a identificação de novas possibilidades na busca de mecanismos de cooperação global. Ainda há fronteiras a serem exploradas em nossa cultura, na qual um uso perspicaz dos recursos naturais coexista em estreita associação com a necessidade de incorporar nossas maiorias sociais à solução de seus próprios problemas, particularmente aqueles de pobreza e exclusão social, oferecendo elementos necessários para facilitar o diálogo entre nós, na América Latina, e outros que estão encarando problemas e preocupações da mesma natureza, em suas próprias regiões. Então, incorporar essa reserva cultural ao atual debate cultural se tornou a **terceira** tarefa que aguarda as contribuições de um amplo leque de disciplinas nas Ciências Humanas e Naturais, em minha região.

Isso significa que uma história ambiental latino-americana deve continuar os esforços pioneiros de autores como Nicolo Glico e Jorge Morello, entre nós, e Alfred Crosby e Richard Grove, no mundo do Atlântico Norte, na pesquisa por novas formas de entendimento mútuo e colaboração entre as ciências Humanas e Naturais, com o objetivo de combiná-los em um novo tipo de iniciativa intelectual capaz de apontar para um problema ainda mais amplo, e para uma promessa mais rica. O tipo de desafios que estamos enfrentando hoje está criando rapidamente uma circunstância onde nos precisamos, mais do que nunca, a começar a trabalhar juntamente com aqueles que possam facilitar o acesso àquilo que para nós ainda é a face oculta da cultura ecológica do norte, que afirma a necessidade de confrontar o fato de que “apesar de tanta retórica para provar o contrário, ninguém pode viver de ambas as maneiras — não se pode maximizar a riqueza e o império e, simultaneamente, maximizar democracia e liberdade. A relutância em reconhecer esse fato

tem sido uma característica americana assim como um traço ocidental, derivado da inocência e sonhos da juventude. Não podemos nos esquivar mais. “Uma escolha lúcida tem que ser feita.”<sup>11</sup>

Assim definido, esse trabalho conjunto facilitaria muito a identificação dos obstáculos e oportunidades de uma cooperação internacional política e cultural que incluísse as sociedades afetadas, e não apenas os seus governos. O que está em jogo, resumidamente, é fazer — e não só escrever — uma história planetária capaz de superar a tendência, hoje dominante, de considerar a biosfera um mero contexto para o desenvolvimento das relações econômicas e políticas entre as sociedades humanas. À medida que formos capazes de realizarmos o que está ao nosso alcance e constituir o mais essencial de nossos deveres — isto é, agir como povo de uma cultura comprometido com a sobrevivência e com o bem estar de nossas sociedades -, nós observaremos, a tempo, o aviso feito por Simón Bolívar no contexto de outra crise, também decisiva em nossa história: “O crime trabalha sob as sombras da ignorância”. E não há dúvidas de que, uma vez conscientes do quanto há para ser feito, não fazê-lo seria o maior crime possível em nosso tempo.

Panamá, fevereiro-abril de 2001.

### Bibliografia

- Brailovsky, Antonio E., y Foguelman, DINA, 1997 (1991): *Memoria Verde: Historia ecológica de la Argentina*. Editorial Sudamericana, Buenos Aires.
- Bengoa, Guillermo: “Siete notas sobre historia ambiental”. Revista THEOMAI, n.d., [www.unq.edu.ar/theomai](http://www.unq.edu.ar/theomai).
- Brunhes, Jean, 1955 (1910): *Geografía Humana*. Editorial Juventud, Barcelona. Edición abreviada por Mme. M. Jean-Brunhes Delamarre y Pierre Deffontaines.
- Camus, Pablo y Hajek, Ernst (1998): *Historia Ambiental de Chile*. Departamento de Biología, Facultad de Ciencias Biológicas, Pontificia Universidad Católica de Chile, Santiago. [www.hajek.cl](http://www.hajek.cl).
- Castro, Guillermo, 1995: *Los Trabajos de Ajuste y Combate: Naturaleza y sociedad en la historia de América Latina*. Premio Casa de Las Américas 1994, CASA/Colcultura, Bogotá/ La Habana, 1995.
- Cunill Grau, Pedro, 1999: “La geohistoria”, en Carmagnani, Marcello; Hernández Chávez, Alicia y Romano, Ruggiero (Coordinadores): *Para una Historia de América I: Las estructuras*. Fondo de Cultura Económica, Fideicomiso Historia de las Américas, México.
- 1996 (1995): *Las Transformaciones del Espacio Geohistórico Latinoamericano, 1930–1990*. Fondo de Cultura Económica, Fideicomiso Historia de las Américas, México.
- 1978: “Variables geohistóricas sociales en los procesos de degradación del uso rural de la tierra en América Andina”. TERRA, número 3, Caracas, apud Vitale (1983, 72).

---

<sup>11</sup> Worster, Donald: *Rivers of Empire*, cit., p. 334.

- Escurra, Ezequiel (n.d.): *De las Chinampas a la Megalópolis. El medio ambiente en la cuenca de México*. <http://omega.ilce.edu.mx:3000>
- Florez Malagón, Alberto G., 1997: "La historia ambiental: hacia una definición disciplinar". *Ambiente y Desarrollo*, Año 4, No. 6 – 7, mayo de 1996 – diciembre de 1997, Instituto de Estudios Ambientales, Universidad Javeriana, Bogotá, Colombia.
- Galfassi, Guido y Levin, Luciano: "Las preocupaciones por la relación Naturaleza-Cultura-Sociedad. Ideas y teorías en los siglos XIX y XX. Una primera aproximación". Revista THEOMAI, Número 3, Primer Semestre de 2001. [www.unq.edu/revista-theomai](http://www.unq.edu/revista-theomai).
- Galeano, Eduardo, 1992 (1972): *Las Venas Abiertas de América Latina*. Siglo XXI, México.
- García Martínez, Bernardo y González Jácome, Alba (Compiladores), 1999: *Estudios sobre Historia y Ambiente en América, I: Argentina, Bolivia, México, Paraguay*. Instituto Panamericano de Geografía e Historia / El Colegio de México, México, D.F.
- Gligo, Nicolo, y Morello, Jorge, 1980: «Notas sobre la historia ecológica de América Latina», en *Estilos de Desarrollo y Medio Ambiente en América Latina*, selección de O. Sunkel y N. Gligo, Fondo de Cultura Económica, El Trimestre Económico, No. 36, 2 t., México.
- Martí, José, 1975: *Obras Completas*. Editorial de Ciencias Sociales, La Habana.
- Melville, Elinor G.K., 1999 (1994): *Plaga de Ovejas: Consecuencias ambientales de la conquista de México*. Fondo de Cultura Económica, México.
- Mires, Fernando, 1990: *El Discurso de la Naturaleza: Ecología y política en América Latina*. Departamento Ecueménico de Investigaciones, San José, Costa Rica.
- Ortiz Monasterio, Fernando; Fernández, Isabel; Castillo, Alicia; Ortiz Monasterio, José y Alfonso Bulle Goyri, 1987: *Tierra Profanada: Historia Ambiental de México*. Instituto Nacional de Antropología e Historia, Secretaría de Desarrollo Urbano y Ecología.
- Programa de las Naciones Unidas para el Medio Ambiente (PNUMA), Agencia Española de Cooperación Internacional (AECI); Ministerio de Obras Públicas y Urbanismo (MOPU), 1990: *Desarrollo y Medio Ambiente en América Latina: Una visión evolutiva*. Madrid, Ministerio de Obras Públicas y Urbanismo.
- Sedrez, Lise (ed.): *Latin America Environmental History*, [www.stanford.edu/group/LAEH](http://www.stanford.edu/group/LAEH).
- Vitale, Luis, 1983: *Hacia una Historia del Ambiente en América Latina: De las culturas aborígenes a la crisis ecológica actual*. Nueva Sociedad / Editorial Nueva Imagen, México, D.F.
- Worster, Donald, 1992a: *Nature's Economy: A history of ecological ideas*. Cambridge University Press.
- 1992b: *Rivers of Empire: Water, Aridity and the Growth of the American West*. Oxford University Press, New York Oxford.
- 1990: "Transformations of the Earth: Toward an Agroecological Perspective in History", in *Journal of American History*, March.
- 1989: "The vulnerable Earth: toward a planetary history", in Worster, Donald (ed.), *The Ends of the Earth: Perspectives on modern environmental history*. Cambridge University Press.